

## A PERSONAGEM NO ROMANCE LATINO-AMERICANO

Amanda da Silva Oliveira \*

### Resumo:

A partir da constatação do campo literário brasileiro através das personagens de romances, metodologia de trabalho criada pelo Gelbc, sob coordenação da Prof. Dra. Regina Dalcastagnè, o presente trabalho tem por objetivo a aplicação do questionário adaptado para o levantamento estatístico em três obras - "O Senhor Embaixador", de Erico Verissimo, "El Señor Presidente", de Miguel Ángel Asturias, e "El País de las Mujeres", de Gioconda Belli. Através do mapeamento sócio-político-econômico dessas personagens, da análise dos dados e da reflexão crítica nas questões sobre poder, violência e gênero, a proposta é poder interpretar inicialmente o espaço latino-americano com obras que exemplifiquem a denúncia da opressão e da violência.

**Palavras-chave:** poder, GELBC, mapeamento, literatura latino-americana.

A proposta metodológica de minha dissertação surgiu a partir da experiência vivida ao longo de todo o período de mestrado (2013-2014), em que ingressei no Grupo de Pesquisa em Literatura Brasileira Contemporânea da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (o GelbcRS), vertente do grupo originário da Universidade de Brasília. Com base na pesquisa quantitativa desenvolvida pela Profa. Dra. Regina Dalcastagnè, a partir do segundo semestre de 2003, na UnB, essa perspectiva de trabalho alia, além de uma leitura de dados das Ciências Sociais, em enfoque sociopolítico das personagens, as dimensões delas nas narrativas em questão, fazendo com que se pense a literatura como elemento significativo e significador do campo literário e social.

Além de nos encontrarmos, a leitura possibilita ao leitor a compreensão *do que é ser o outro* (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14), além de *as próprias perspectivas sociais muito diferentes entre si* (p. 14) estarem presentes, englobando a proposta de pluralidade, termo de Bakhtin, “não só (de) personagens e narradores(as), mas também seus(suas) leitores(as) e autores(as)” (p. 14), num processo de *legitimação de identidades*. Por esse motivo, o sentimento de *estranhamento* e de *desconforto* frente à ausência e/ou apagamento de determinados grupos sociais nas narrativas, mais precisamente *pobres e negros na literatura brasileira contemporânea*, motivou a pesquisa a ser realizada, dentro do recorte temporal de 1990 a 2004. Para muitos, a primeira justificativa contrária ao mapeamento seria a de que essa ausência é justamente uma forma de crítica, em que houvesse uma possível representação da sociedade escolhida pelos autores. Mas

---

\* Mestranda em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista CAPES. A presente análise refere-se aos dados coletados para a pesquisa desenvolvida na dissertação, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Barberena. Membro do GELBC/RS.  
E-mail de contato: profeamandaoliveira@gmail.com

Dalcastagnè questiona: “para fazer isso não seria preciso, muito mais que excluir esses grupos de suas histórias, mostrar alguma tensão existente, provocada pelos que não parecem estar ali.” (p. 15)

Se “ser invisível seria a qualidade de um objeto. [...] Mas talvez o reverso da invisibilidade seja justamente a dificuldade de enxergar”, então estaríamos diante da ideia de um direcionamento da observação, e muitas questões a serem pensadas poderiam ser menos valorizadas em função de outras. Claro está que a ideologia de quem produz estaria mais evidente que qualquer desejo artístico de criação, e que esta ideologia também direciona aquilo que o leitor possa (ou não) perceber. Mais do que diversificar e libertar, a literatura poderia trancafiar em seu campo semântico valores tidos como universais e universalizantes, que definem quem pertence ao meio e quem deve não participar, fazendo com que o campo seja contestado, uma vez que a evidência de que a diversidade esteja sendo “suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala”. (p. 16).

Dessa forma, buscando uma democracia da/na literatura, e evidenciando a inclusão como questão de legitimidade de grupos silenciados, a proposta objetiva da pesquisa não é a de “policiar a atividade dos autores brasileiros” (p. 21), mas a de “indagar um conjunto de obras” (p. 21), quais seus focos de abordagem, o que deixam de fora, qual a representatividade de determinados grupos, não evidenciada sob uma perspectiva qualitativa, mas de constatação e diagnóstico sobre o *campo literário* (neste caso, o brasileiro), quadro este que não pode ser *ignorado*.

Essa invisibilização e esse silenciamento são politicamente relevantes, além de serem uma indicação do caráter excludente de nossa sociedade (e, dentro dela, de nosso campo literário).

De resto, fica nossa constatação de que a literatura não é neutra, não está “acima” de outros meios de representação, como o cinema, o jornalismo ou a televisão, e não é intocável. Nossa posição diante do texto literário não é de reverência, mas de crítica. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 22).

A partir do número significativo de 258 obras, em que foram fichados o total de 1245 personagens, de obras de 165 autores<sup>10</sup>, a pesquisa trabalhou metodologicamente com dados quantitativo-estatísticos no *paradigma indiciário nas ciências humanas*, de Carlo Ginzburg. “À leitura do livro, seguia-se o preenchimento de uma ficha para cada uma das personagens mais importantes”, ficha essa que continha mais de 30 questões, cujas respostas foram abrigadas no programa de computador *Sphinx Lexica*, para tratamento

---

<sup>10</sup> O recorte da pesquisa consiste em selecionar narrativas do tipo romance, no período entre 1990 e 2004 das editoras Companhia das Letras, Record e Rocco. Além disso, as obras da pesquisa deveriam ser originalmente em português, e não serem classificadas como *romance policial*, *ficção científica*, *auto-ajuda* ou *infanto-juvenil*.

estatístico. Os dados “são a base a partir da qual a investigação se inicia”, não *falando por si só*s, mas indiciando elementos cuja “reflexão crítica procura entender a realidade” (p. 28).

O trabalho pôde evidenciar que a discrepância entre quem participa e quem é referenciado na literatura brasileira é enorme, e está diretamente ligada à origem social, gênero, cor, etnia, classe social, etc. Se contra fatos, não há argumentos, os dados puderam evidenciar quem tem voz de fala no discurso literário, e quem se cala, ou fala pela voz do outro. Assim, as minorias, como mulheres, homossexuais, negros e pobres, viciados químicos, deficientes físicos, entre outros, são de fato minoria nas narrativas em questão, e configuram um espaço de exclusão e de reforço de estereótipos. Na busca por uma possível legitimação no espaço para a consagração de determinada obra e autor, esquece-se muitas vezes o mundo plural em que vivemos, em nome da bela arte, como se essa fosse a única regra a ser pensada no fazer literário, e olvida-se quem sabe do principal: a literatura como registro de uma sociedade heterogênea, libertária, que não só privilegia e acoberta, mas também denuncia e desvela. Os silêncios, quando percebidos, revelam a injustiça e a opressão da *estrutura social* na qual pertencemos. Apesar do *processo de idealização*, “o discurso literário não está livre das injustiças de seu tempo” (p. 62), até porque ele está pautado segundo *estéticas universais* de domínio e poder.

O problema de se idealizar a arte e a literatura é o que essa idealização acaba escondendo. Negar a literatura como prática humana, presa a uma complexa rede de interesses, é escamotear um processo em última instância autoritário: aquele que define o que pode ser considerado literatura em meio a tudo o que é escrito ou que se pensa escrever um dia (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 62-63)

Pensando a partir da premissa de que “falar por alguém é sempre um ato político” (p. 16), a configuração do corpus da minha pesquisa se configura pela presença de autores que refletem um posicionamento político, significativo e efetivo, em seus períodos históricos de ocorrência. Meu principal questionamento, ao trabalhar com essas obras, era o de como esses autores poderiam abordar os grupos sociais *não-ouvidos* latino-americanos, essas vozes *não escutadas*, essa “minorias” que possui peso e vigor representacional nos contextos, e nas narrativas em questão, mas que nem sempre são “mostrados”. Isso se configura porque, além de escritores, os autores correspondem figuras que evidenciam um caráter sociológico e político de suas épocas, sejam atuantes significativamente, sejam vítimas do contexto opressor dos quais faziam/fazem parte. O que chamamos ironicamente por minorias produzem e reformam a diferença, uma vez que os romances abarcam tipos sociais de várias contextualizações diferentes para a

composição do retrato histórico de época, mas, por vezes, ainda, sim, reforçam estereótipos e legítimos discursos de poucos em nome de muitos. “Esta preocupação com a diversidade de vozes não é um mero eco de modismos acadêmicos, mas algo com importância política” (p. 19), como bem reforça Dalcastagnè.

Em minha pesquisa, foram selecionadas três obras literárias que, ao meu ver, eram representativas das temáticas sobre *poder*, *violência* e *gênero*. Apesar de um corpus muito pequeno, dado a experiência obtida pela pesquisa na qual me baseei, ainda sim percebi que a metodologia dos fichamentos era importante para que eu pudesse perceber elementos concordantes e discordantes nas obras, que, em separado, poderiam me passar despercebidos. Dessa forma, foram fichados, ao todo, 92 personagens, dos quais 36 pertenciam à obra *O Senhor Embaixador*<sup>11</sup>, de Erico Verissimo, 30 à *El Señor Presidente*<sup>12</sup>, de Miguel Ángel Asturias, e 26 à *El País de las Mujeres*<sup>13</sup>, de Gioconda Belli, por meio da ficha adaptada da pesquisa da Profa. Regina Dalcastagnè com 45 questões. As personagens, dentro dessa perspectiva, determinam a função do corpus de análise pautado em um sistema que estabelece um campo de poder só possível de ser investigada e reconhecida através da metodologia da análise quantitativa, por meio do questionário.

Somente uma análise estrutural dos sistemas de relações que definem um determinado estado do campo intelectual pode imprimir eficácia e verdade à análise estatística, fornecendo-lhe os princípios de uma seleção dos fatos capaz de levar em conta suas propriedades mais pertinentes, isto é, suas propriedades de posição. (BOURDIEU, 2009, p. 186)

### **Interpretando através das evidências numéricas**

Os três romances são organizados da mesma forma: escritos em 3ª pessoa, seus narradores são onisciente e onipresente, apresentando temática *política*, com contextos das *internas do poder*. Os protagonismos, que correspondem a 14% das personagens, definem-se pela representação ou da realidade factual e de sua opositora (realidade desejada), como nos romances de Erico e de Asturias, ou da realidade desejada já real, de Belli. A indicação de protagonistas e coadjuvantes (85%) configura características do *romance histórico*, reiterando a proposta dos títulos corresponderem à *história* de determinado personagem no poder – o Embaixador, o Presidente, o país *das Mulheres*, a representação por uma *Presidenta*.

---

<sup>11</sup> A partir daqui, a obra passará a ser referida e indicada pela sigla SE.

<sup>12</sup> A partir daqui, a obra passará a ser referida e indicada pela sigla SP.

<sup>13</sup> A partir daqui, a obra passará a ser referida e indicada pela sigla PM.

Por essas indicações de título, é impossível não relacionar as obras sob o enfoque de *gênero*. Nesse aspecto, a questão mais importante é a de que só há certa equiparação de personagens masculinos e femininos por conta da terceira obra, de Gioconda Belli, ser mais da metade representadas por mulheres, número que se inverte quando apontado os romances de Asturias e de Erico. No entanto, a representatividade dessas mulheres nas três narrativas é significativa. Isso poderia supor a indicação de que elas seriam *apagadas* socialmente das grandes histórias de poder e governo, até porque há certo pensamento coletivo de se compreender esses temas como *coisas de (grandes) homens*<sup>14</sup>, mas *simbolicamente* atuantes dentro das narrativas. O único problema reside no fato de que as personagens femininas sempre são vistas pelo *lado feminino*, ou seja, são sempre estereotipadas, e essa crítica só é feita na obra *feminina* feita por *uma mulher*. Por exemplo:

- a) Em SE, as mulheres representativas correspondem à secretária da embaixada, *feia, mas amiga de todos, confidente e sabedora de tudo*, e à amante do embaixador, *sensual e tomada como objeto de desejo pelos homens*, tanto pelo marido quanto pelo amante. Possuem representatividade narrativa, estão presentes em situações significativas, mas *desaparecem* quando o espaço da embaixada é substituído pelo de guerrilha: uma, em virtude da instabilidade da função na embaixada; a outra, por loucura.
- b) Em SP, a personagem *Camila*, filha do coronel acusado injustamente de assassinar seu colega de governo, possui ascendência de importância ao longo da narrativa: no início, é frágil, doente, sensível; ao final, acreditando ter sido abandonada pelo protagonista, afasta-se da cidade e, sozinha, cuida do filho; além, dela, a personagem *Fedina*, acusada injustamente de estar contra o governo, é torturada e vendida a uma casa de prostituição.
- c) É só na obra de Belli que as mulheres são indicadas como independentes e importantes para o todo da narrativa, já que todo o país é governado por elas. Poucos são os personagens homens significativos na narrativa, e por vezes dispensados quando ações significativas. O interessante é justamente a exploração do estereótipo feminino como direcionamento crítico da obra: elas tem o desejo de *limpar o país, cuidar de todos, feminizar a sociedade*.

---

<sup>14</sup> Diz Susan Sontag, em Diante da Dor dos Outros: “a guerra é um jogo de homens – a máquina de matar tem um gênero, e ele é masculino”.

Item *gênero* – estatísticas por obra:

sexo-pers	Nb. cit.	Frêq.	sexo-pers	Nb. cit.	Frêq.	sexo-pers	Nb. cit.	Frêq.
feminino	14	38,9%	feminino	11	35,5%	feminino	15	60,0%
masculino	22	61,1%	masculino	20	64,5%	masculino	10	40,0%
outro	0	0,0%	outro	0	0,0%	outro	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>	<b>TOTAL OBS.</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>	<b>TOTAL OBS.</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Erico Verissimo

Miguel Ángel Asturias

Gioconda Belli

O estereótipo se mantém quanto à *opção sexual*. Nesse aspecto, o número de *heterossexuais* se consolida como a maioria (92%), havendo alguns poucos casos de *homossexuais* (3%), indefinidos (nos casos dos personagens *Jorge Molina* – em SE -, que é assim apresentado ao leitor pela voz de outra personagem, e *Juana de Arco* – em PM -, que após sofrer inúmeras violências sexuais, não se relaciona amorosamente com nenhuma outra personagem) e não pertinente (este caso ocorre ao ser fichado personagens masculinas e femininas, sem identidade relevante na narrativa, mas contabilizadas como vítimas de tortura). Além disso, as personagens homossexuais aparecem nas obras de Erico (2 personagens) e Belli (1 personagem), não havendo nenhuma em Asturias. Esse fato, no entanto, pode ser explicado em virtude da intencionalidade da obra ser mais voltada à denúncia da violência e da opressão, sendo a orientação sexual das personagens fator secundário diante da *vitimização* de muitos deles pelo governo ditador.

Por outro lado, é importante salientar que o tema é tratado como *tabu* na obra de Erico, em duas situações: na primeira, uma das personagens, chamada de *Pederasta*, assedia a personagem *Bill Godkin*, em um passeio deste por um parque no centro de Washington, lugar de busca e de encontro – “*Bill Godkin não podia compreender por que razão – se é que a razão entrava na história – os desviados sexuais de Washington haviam escolhido para seus encontros amorosos aquela praça a tão pequena distancia da Mansão do Executivo*” (SE, p. 07); na outra, a personagem homossexual dessa narrativa, *Titito Villalba*, é o estereótipo de *efeminado, alcoviteiro* na relação entre o *Embaixador* e *Miss Andersen*, mas não aceito por este como funcionário da embaixada. No contraponto, em PM, em relação direta com as questões referentes ao gênero, evidenciadas anteriormente, apresenta a personagem *Martina Meléndez* muito bem resolvida em sua homossexualidade, e respeitada por todos: inclusive, é ministra do governo de *Viviana Sanzón*. O quadro apresentado, portanto, reforçaria o preconceito social de aceitação de mulheres

homossexuais, mas a de repúdio de homens, mas não só isso. Evidencia também o período histórico em que as obras se encontram e o consciente coletivo de discussão e/ou inaceitação do tema, afinal, a obra de Belli é contemporânea a toda gama de discussão de respeito ao direito dos homossexuais, e a obra de Erico localiza-se no espaço temporal de 1965, em que a intolerância a esses casos era comportamento comum.

Já a **cor da personagem** marca a questão territorial latino-americana, pois a grande maioria das personagens apresenta descendência mestiça/ indígena (73,9%), sendo a porcentagem de brancos basicamente descendentes de europeus (e, portanto, *não-latinos*). As duas únicas personagens negras, no entanto, apresentam-se como coadjuvantes e marcados pela *subordinação social*, ambos como vítimas do sistema<sup>15</sup>, e por vezes hostilizados, como é o caso em *O Senhor Embaixador*. Aqui, a latinidade também é sinônimo de *pertencimento* ao espaço geográfico dos países em questão, sendo o branco e o negro considerados como *estrangeiros*.

Outro ponto bastante interessante refere-se ao tema de **migração**, o que reforça a ideia de ascensão social numa nova terra, e o sentido remetido à fronteira como espaço físico carregado de significado. Essas ocorrências estão mais em *O Senhor Embaixador*, até porque há um deslocamento das personagens de *Sacramento* para *Washington*, pessoas essas que evidenciam indicações do ditador para representação política externa do país, na capital norte-americana. Os sentidos de deslocamento de fronteiras em *O Senhor Presidente* são daqueles poucos que podem se desvencilhar do grotesco e cruel governo, privilégio de poucos, e inalcançável pela maioria, em virtude da opressão ditatorial. Em *El País de las Mujeres*, no entanto, não há a necessidade da retirada a não ser para retornar ao país com novas perspectivas de melhorias e renovações do governo para o povo. Diferentemente das obras dos autores, a migração em Belli não tem a carga de recomeço ou de liberdade, pois já se vive essas realidades em seu espaço, denominado *Fáguas*.

Vejamos os dados separados por obra:

#### Item **migração** – estatísticas por obra:

---

<sup>15</sup> Em SP, a personagem Viúva, mendigo; em SE, a personagem funcionária do pai de Glenda Doremus, acusado de estupro e espancado até à morte por conta disso.

migr-pers	Nb. cit.	Fréq.
sim	20	55,6%
não	10	27,8%
sem indícios	6	16,7%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>

Erico Verissimo

migr-pers	Nb. cit.	Fréq.
sim	8	25,8%
não	22	71,0%
sem indícios	1	3,2%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>31</b>	<b>100%</b>

Miguel Ángel Asturias

migr-pers	Nb. cit.	Fréq.
sim	5	20,0%
não	18	72,0%
sem indícios	2	8,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>25</b>	<b>100%</b>

Gioconda Belli

Representativamente como países em formação, que passam ou sobrevivem ao meio ditatorial, as personagens que movem a narrativa e as possíveis mudanças são na maioria *adultas*, os ditadores são *maduros*, o que evidencia certa necessidade de rompimento com velhos padrões de governo para emergir a jovem democracia. A ideologia de que a energia motivadora para a mudança social do país vem com novas gerações se configura perfeitamente nesses dados, como uma forma de negar os padrões tradicionais de violência a favor da perspectiva democrática da América Latina *para todos*.

Nos tópicos referentes à *Condição física e psicológica* e sobre os *atos de violência*, os dados são bem expressivos e significativos para inúmeras discussões sociais bastante importantes. Em primeiro, porque o número de perturbados mentais que aparecem nos romances correspondem a 12% das personagens, e de quase 10% de doentes e/ou deficientes físicos; em segundo, porque 38% das personagens *sofrem* algum tipo de violência, contra quase 30% que *cometem*. Nos três romances, o número de vítimas é sempre maior do que o dos responsáveis, no entanto, sempre muito equiparados, e por vezes os mesmos personagens dos dois lados do processo, conforme as ocorrências narrativas da obra.

Item *violência* – estatísticas por obra:

viol-pers	Nb. cit.	Fréq.
sofre	16	44,4%
comete	12	33,3%
não mencionado	13	36,1%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>36</b>	

Erico Verissimo

viol-pers	Nb. cit.	Fréq.
sofre	12	40,0%
comete	10	33,3%
não mencionado	10	33,3%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>30</b>	

Miguel Ángel Asturias

viol-pers	Nb. cit.	Fréq.
sofre	7	26,9%
comete	5	19,2%
não mencionado	15	57,7%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>26</b>	

Gioconda Belli



Ato de violência	sofre	comente	TOTAL
Violência Simbólica	7	5	12
Tortura	6	4	10
Fuzilamento	3	2	5
Violência sexual	2	2	4
Acidentes	2	1	3
Acusações injustas	5	1	6
Atentados	1	2	3
Emboscadas/Traições	1	3	4
Assédio Sexual	0	1	1
Violência Doméstica	2	2	4
Ditador	0	3	3
Cafetina	0	1	1
Preso	6	0	6
Guerrilheiro	3	5	8
Violência Física	4	1	5
Exilado político	1	0	1

#### Atos de violência e suas ações

Em *elites*, não há uma lógica de pertencimento à elite política ser também da elite intelectual, e, sim, marcadamente, uma separação entre poder *por competência* e poder *por violência*. Nos casos dos ditadores revolucionários (SE e SP), ambos são *elite política*, mas não representam, segundo o padrão de cada narrativa, a uma *elite intelectual*, como nas representações do embaixador, o latino *exótico*, e do ditador presidente, como *bêbado*. Isso muda na narrativa contemporânea de Belli: sua personagem presidenta, *Viviana Sanzón*, é eleita pelo poder da palavra, uma vez que denunciava, como apresentadora de programa de TV, os crimes praticados pelos então poderosos do país.

Assim, os dados apresentam os mesmos números para a presença de pertencentes à elite política e para a elite intelectual, mas não correspondem, em maioria, aos mesmos personagens. Nas narrativas, há uma clara identificação entre elite intelectual com pensadores, formadores de opiniões, em muitos chamados *intelectuais*, mas nem sempre eles estão nos postos de poder, porque seus julgamentos são sempre de oposição à ditadura

e à violência, ou quando estão, no caso de *El País de las Mujeres*, é justamente essa a negação desse padrão de governo.

Item *elite política* – estatísticas por obra:

elit-polit	Nb. cit.	Fréq.
sim	17	47,2%
não	19	52,8%
sem indícios	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>

Erico Verissimo

elit-polit	Nb. cit.	Fréq.
sim	9	30,0%
não	21	70,0%
sem indícios	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

Miguel Ángel Asturias

elit-polit	Nb. cit.	Fréq.
sim	9	34,6%
não	17	65,4%
sem indícios	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>26</b>	<b>100%</b>

Gioconda Belli

Item *elite intelectual* – estatísticas por obra:

elit-pers	Nb. cit.	Fréq.
sim	14	38,9%
não	21	58,3%
sem indícios	1	2,8%
não pertinente	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>

Erico Verissimo

elit-pers	Nb. cit.	Fréq.
sim	12	40,0%
não	18	60,0%
sem indícios	0	0,0%
não pertinente	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

Miguel Ángel Asturias

elit-pers	Nb. cit.	Fréq.
sim	8	30,8%
não	18	69,2%
sem indícios	0	0,0%
não pertinente	0	0,0%
<b>TOTAL OBS.</b>	<b>26</b>	<b>100%</b>

Gioconda Belli

Sobre o padrão formal da *língua*, vale ressaltar que as obras em espanhol apresentam variações regionais do idioma padrão (em SP e PM) como marca do espaço geográfico da narrativa, e, na obra em português (SE), busca-se um registro da *regionalidade* em certos personagens, como características da manutenção da *língua-mãe*. Além disso, a contaminação por idioma estrangeiro é bem forte em SE, e dá-se ou pela migração do trabalhador na nova terra, ou por posição de status, de mostrar conhecer outras línguas, ambos uma espécie de afirmação de pertença a culturas determinadas (do lugar migrado, do lugar desejado).

Neste aspecto, a certa equiparação entre *estrato social de elite* (25%), de *classe média* (40%) e de *pobreza* (31,5%) se reflete pela instabilidade das narrativas sobre o meio político das personagens, e o quanto o status de poder está diretamente relacionado ao padrão de vida propiciado pelos cargos. Como os três personagens de regência do governo

chegam ao poder através de conquista, seja democraticamente seja pela força, mostra-se a busca do personagem pela ascensão de mudança do que está imposto, espaço este em que não pertencem. O levantamento desse item reflete a possibilidade de liberdade e/ou afinidade para/com o governo. Em SE, Erico apresenta claramente aqueles que não concordam com a ditadura de *Sacramento*, marcando os aficionados em “direita/esquerda”, e os pró-democracia e liberdade em “centro”. Nessa característica, está clara a própria postura do autor na ideologia social de mundo no qual a obra se mostra exemplificada, como ele bem verbalizava em entrevistas<sup>16</sup>. Já em SP, Asturias apresenta a maioria como “direita”, sobretudo, porque os mesmos não tem “direito” de serem de outra forma, pois são exterminados e/ou desaparecidos. Em PM, Belli, no entanto, muda a crítica: a representação da maioria a favor do governo justo e honesto, em que a minoria contrária representa o atentado à presidenta, o complô, a conspiração, no desejo de que o poder volte às mãos de poucos e que a *tradição latino-americana*, originada na colonização europeia, de violência e injustiça social, perdure.

É justamente a *temporalidade histórica* outro dos aspectos dos dados que corroboram os posicionamentos narrativos dos autores e as ideologias destes nas obras e seus retratos sociais. Ela indica o período temporal pensado inicialmente para a proposta de estudo, pelo ano de publicação das obras. (1930, mas Asturias escreve desde 1922, – 1965 – 2010). Há claramente um período de extensa predominância de libertação dos povos latino-americanos, em suas independências, equiparadas à própria história do Brasil. Os períodos de ditadura são exatamente relacionados aos anos de publicação das obras de Erico e Asturias, além de servirem de atmosfera temporal também dentro da narrativa. Manteve-se, no entanto, os marcos históricos brasileiros no questionário, em virtude da relação direta que se possa ter em relação à compreensão temporal, seguindo o modelo consolidado de fichamento do Gelbc.

E, no último elemento de interesse de estudo, o *desfecho das personagens* reforçaram resultados significativos ao fator *violência*. Apesar de *loucura, assassinato e outro tipo de morte* corresponderem a 23,8%, a realidade em sua maioria configuraria positivamente a possibilidade de novos caminhos para os envolvidos nas ações de poder e uma possibilidade de renovação da justiça social a todos.

---

<sup>16</sup> Para tanto, a obra “A liberdade de escrever” apresenta exemplos bem marcados desse discurso de Erico Verissimo. Nessa compilação, cuja organização é da Profa. Maria da Glória Bordini, são apresentadas entrevistas do autor sobre os temas de seus livros, política e sociedade brasileira, no período entre 1965 a 1975.

## Algumas conclusões iniciais

Os dados quantitativos das personagens latino-americanas revelam muitas concordâncias com a pesquisa das personagens dos romances brasileiros, no que tange aos subalternos, por exemplo. De fato, as três obras em análise evidenciam situações de determinado período em contextos de ditadura, ou de transição desta para o meio democrático; entretanto, a ideologia autoral para novas e positivas perspectivas para o povo mantém aberto o abismo entre *falar por* e *dar-lhes voz*, conforme perspectiva de Spivak, em *Pode o subalterno falar?*. Apesar das narrativas apresentarem propostas/ alternativas possíveis e/ou imaginadas de uma realidade social marcada pela *violência*, ainda sim o *povo* segue sendo o elemento *ausente* nas próprias narrativas: obras que *falam do povo*, mas que *os ausenta*. Além disso, a contextualização do espaço como *interno* do poder, como um registro do cotidiano de governos e/ou ditaduras, evidencia que são poucos os que estão localizados nesses espaços, e que podem ser os únicos com chances de *sobreviver*. Características de romance histórico, essas narrativas evidenciam os grandes nomes e os heróis de cada uma delas, em detrimento do esquecimento das histórias *menores* dos indivíduos *menores* socialmente, em se tratando de posições de poder. No entanto, há predomínio de um desejo dos autores de certo englobamento de todas as classes sociais e suas heterogeneidades, como marca também desse tipo de romance.

Para os elementos dos quais me proponho a analisar em minha dissertação, violência e gênero, as três narrativas representam muitos pontos interessantes para discussão e crítica, e isso só foi possibilitado em virtude da metodologia ter sido aplicada pela pesquisa quantitativa. A análise de dados possibilita subsidiar melhor as leituras, porque ela estabelece os parâmetros iniciais que nossa leitura evidenciou, para uma melhor noção dos pontos que possuímos para trabalhar, e usufruir deles na melhor clareza da crítica e da discussão dos temas propostos pela problemática da pesquisa. Além disso, os indícios solidificam certa objetividade de estudos frente aos elementos subjetivos dos estudos literários, algo que torna *concreto* as imagens representacionais das narrativas lidas.

Em outro ponto, percebo que a seleção do corpus abre espaço de debate às teorias sobre governos dirigidos por homens e por mulheres. Asturias pregava a justiça de posicionamento; Erico, a liberdade, sempre, e a contra-violência; Belli, a feminização da política. E em último, a evidência das características sociais segundo seu entorno histórico temporal, nestes casos ditatoriais e violentos, para a transição dessas ideias até nossa

contemporaneidade, refletindo sobre os comportamentos sociais e conferindo-lhes a qualidade de espelho social do poder do Estado, das possibilidades de justiça social, e do reconhecimento do indivíduo como caráter modificar desses contextos de significação.

Em um espaço onde cada vez mais a mulher tenha que justificar suas posições, delimitar seus espaços e exigir a respeitabilidade que deveria ser obrigatória, as questões relativas ao gênero ainda necessitam de muitos avanços. Muitos dizem ser exagero certas manifestações sociais em que a mulher possa ser subjugada, mas tão naturalizados estão certas condutas que já é difícil as conquistas de espaço simplesmente pelos talentos pessoais. Na própria narrativa, as mulheres, mais do que divulgar suas ideias, precisam buscar espaços específicos para que essas ideias possuam efeito positivo. Homens não precisam reforçar estereótipos masculinos como elementos de dominação e de superioridade, porque seus estereótipos já configuram esses sentidos.

A representação do poder nos romances indica as derrotas das ditaduras em prol da libertação política de um país. Tendo SP um pano de fundo caricata e de deboche, a figura do presidente nada mais é que uma alegoria do submundo da opressão social através da violência, e as libertações dos presos políticos identificam as fendas de mudança nesse muro opressor. Em SE, os fuzilamentos simbolizam o apagamento das velhas ditaduras, mas também as repetições políticas do sistema que, trocando seus personagens, segue sendo igual. De nada adianta a mudança de governo por meio de revoluções, se a violência perdurar, e a morte é mero símbolo de exemplos de conduta, mais que preceitos de justiça. O reforço do *habitus* das ditaduras interfere nos mundos possíveis sociais que PM busca transformar. Na obra, a opressão dá lugar à reeducação cidadã dos indivíduos, e o campo de sentido social muda o *habitus* opressor por uma utopia de igualdade. O respeito à liberdade - e a própria aplicação dela na vida dos latino-americanos - é uma conquista de toda a América Latina, e através do campo literário da Guatemala, do Brasil e da Nicarágua a conquista desse território funde-se nos desejos de exercício cidadão sem amarras nem opressões, pelo menos no que se trata de ficção.

A atmosfera dos romances, portanto, estabelecem, em primeiro, os muros políticos erguidos pelos ditadores latino-americanos, seus desejos egoístas e violentos, numa atmosfera social marcada pela riqueza de poucos em detrimento de muitos. Um povo pobre, sem conhecimento, oprimido e de vivências desiguais entre si corresponde as faces latino-americanas da conquista espanhola, e dos domínios territoriais dessas repúblicas como espaços de exploração e de escravidão do povo. Os gritos de liberdade são silenciados pela tortura e pelos abusos de poder; no entanto, os ecos indicam os rumos

democráticos que essas repúblicas latinas devem - e merecem - conquistar. Mais que uma experiência de vida, as representações dos contextos narrativos viabilizam a riqueza do autor como o responsável pela denúncia de opressão, na busca pela igualdade de todos, pelo respeito e pela identidade. Mais que utopias, as narrativas de Asturias, de Erico e de Belli indicam representações ficcionais de uma realidade que, de fato, existiu, cujo pagamento exigiu a vida de milhares de latino-americanos que só desejavam o direito de serem ouvidos, além de indicarem que o pertencimento social, mais que qualquer outra, estabelece quem está no poder, e quem dele está excluído.

Como se vê, justiça social para todos é algo que desempenha papel fundamental na vida também de todos. Os fins das personagens de Asturias, de Verissimo e de Belli correspondem a todos nós, homens e mulheres, que por vezes somos vítimas de um sistema governado por poucos para poucos. O que se busca não é uma fantasia, mas um direito de melhores condições sociais, pautados em regras cujas limitações mais excluem do que acolhem. Nesse sentido, tem a literatura de, por mais que não seja a realidade fatural do cotidiano, ainda é uma realidade possibilitada às nossas crenças pessoais.

### **Referências bibliográficas**

DALCASTAGNÈ, Regina. "A personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo". Disponível em [http://www.gelbc.com.br/pdf\\_revista/2602.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2602.pdf), acesso em: agosto de 2013.